

ARTIGOS

OS CONCÍLIOS ECUMÊNICOS.

INTRODUÇÃO.

Estamos em pleno XXI Concílio Ecumênico, cujo anúncio foi feito pelo Papa João XXIII (vide fig. 1), a 25 de janeiro de 1959.

O mundo católico ou acatólico recebeu a notícia de certa forma com grande surpresa, pois na definição da **infallibilidade papal no XX Concílio, I do Vaticano**, realizado de 1869 a 1870, ficou determinado o fim dos concílios.

Alguns expressaram o seu pensamento da seguinte maneira:

“o mundo moderno não tem ambiente para um Concílio Ecumênico”...

Entretanto, outros replicam:

“nunca houve tanta necessidade de um Concílio, como nos atuais dias, por suas repercussões morais, políticas e sociais... e mais ainda a nossa época, além de reclamar, facilita a sua execução, na esperança de dias melhores”.

O XXI Concílio Ecumênico, que será o II realizado no Vaticano, tem por escopo o Congraçamento de tôdas as Igrejas.

O Papa João XXIII mostrou-se o mais preocupado dos ocupantes da cadeira de São Pedro com os assuntos laicos. Praticou êle realmente a doutrina deixada por Cristo:

“Vai atrás das ovelhas desgarradas, pois as que já estão no caminho do bem, precisam menos de amparo, do que as transviadas”.

O cognome que podemos dar ao Papa João XXIII é o de compreensivo, uma vez que tudo fêz para simplificar o encaminhamento a Cristo pela vereda mais clara e simples.

Regula o CIC (**Codex Iuris Canonici**), can. 222.229 do Direito Canônico em vigor, como definição para **Concílio Ecumênico**,

“assembléias dos bispos e outros determinados detentores do poder Jurisdicional”.



Fig. 1. — O papa João XXIII.

“Os concílios são convocados pelo Papa e sob a sua presidência, tomam decisões sobre assuntos relativos à fé cristã e à disciplina eclesiástica”, dependendo ainda da confirmação pontifícia (vide figs. 2 a 7).

“Tem direito à participação nos concílios os cardeais (mesmo que não sejam bispos), os patriarcas, os arcebispos titulares (só quando expressamente nomeados nos documentos de convocação), os abades primazes, os abades-gerais das congregações monásticas, os superiores gerais das ordens isentas, os abades e os prelados que possuam circunscrição jurisdicional”.

Devemos distingui-los dos **Concílios Provinciais dos Bispos** de uma província eclesiástica, reunidos sob seu **Metropolitano** e dos **Concílios Plenários** que, estendendo-se a mais de uma província eclesiástica, se realizam sob a presidência de um legado pontifício, conforme CIC, can. 281.283.

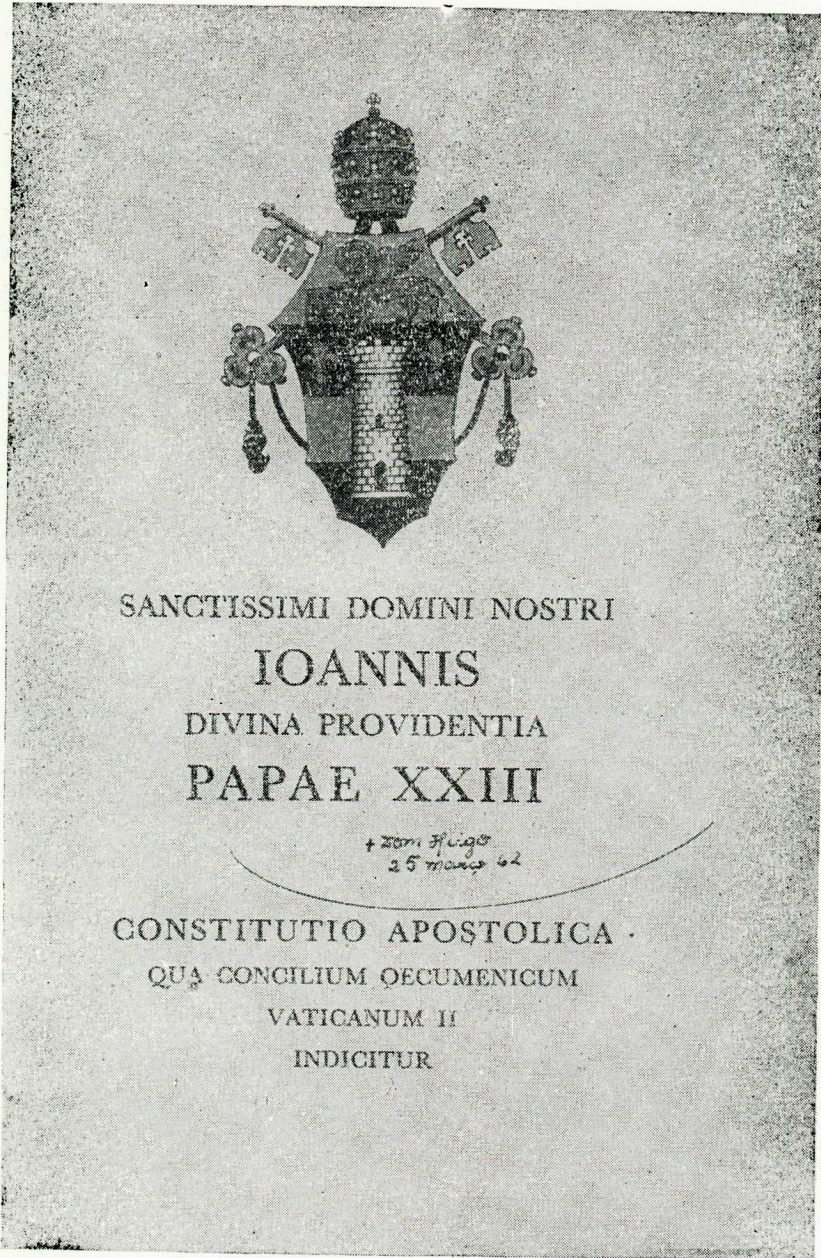
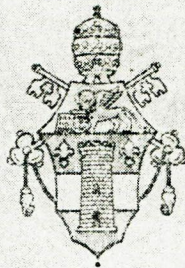


Fig. 2. — Bula de convite, gentilmente cedida por Dom Hugo Bressane de Araújo, arcebispo de Marília.

SYNGRAPHUS N. 78



HAMLETUS IOANNES
TITULO SUBURBICARIAE SEDIS TUSCULANAE
SANCTAE ROMANAE ECCLESIAE
EX ORDINE EPISCOPALI CARDINALIS
CICOGNANI
IDEMQUE
IOANNIS XXIII PONT. MAX.
A NEGOTIIS PUBLICIS

Fig. 3. — Syngraphus n.º S D 78. Carta de franquia.

*petit ab Auctoritatibus omnibus tum Civilibus tum
Militaribus, ut*

Exc. mo D. Hugo Bressane De Aquis
Archiepiscopo Mariticensi

*qui inter Patres Concilii Oecumenici Vaticani II
annumeratur, licentiam libere transeundi concedere,
et adiuventum atque praesidium opportune afferre
velint.*

*Ex aedibus Vaticanis, die X mensis X
anno millesimo nongentesimo sexagesimo secundo*

P. H. Bressane

H. Bressane

Fig. 4. — Continuação do Syngraphus.

SANCTISSIMI DOMINI NOSTRI
IOANNIS
DIVINA PROVIDENTIA
PAPAE XXIII
LITTERAE APOSTOLICAE
MOTU PROPRIO
DATAE
QUIBUS NORMAE STATUUNTUR
CONCILII OECUMENICI VATICANI SECUNDI
CELEBRANDI



IOANNES PP. XXIII

APPROPINQUANTE CONCILIO Oecumenico Vaticano II, magna cum animi Nostri laetitia iam nunc cogitatione complectimur proximum huiusmodi ac prorsus admirandum spectaculum, ingentem nempe sacrorum Antistitum numerum, qui undique gentium in hanc almam

Fig. 5.— Motu Proprio.

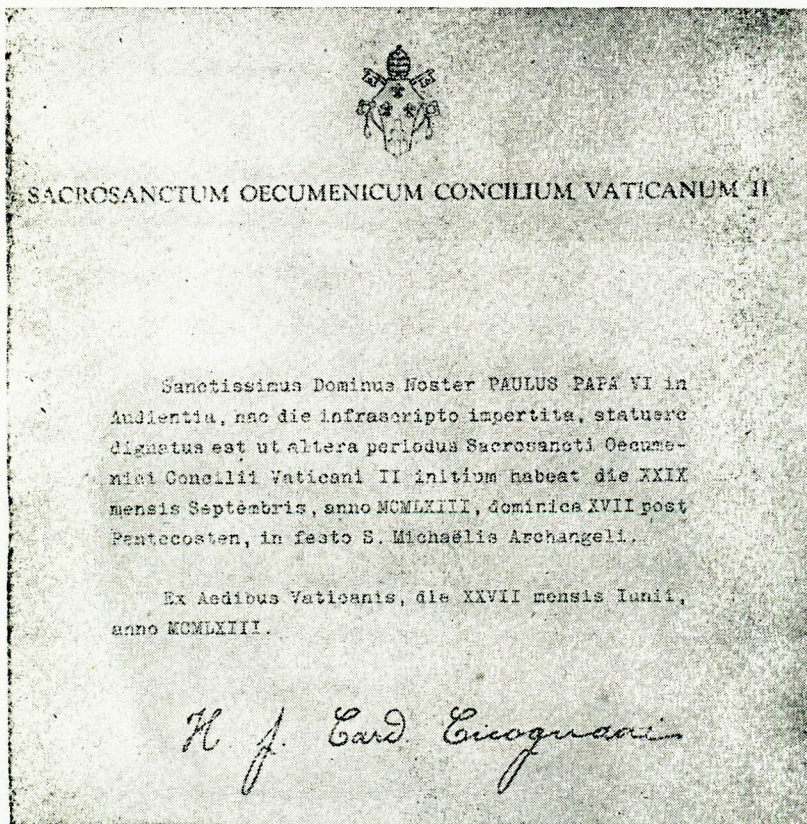


Fig. 6. — Anúncio do início do 2.º Período do Concílio. Observamos que não é feito em nome do Papa João XIII, falecido, e sim em nome do Papa Paulo VI.

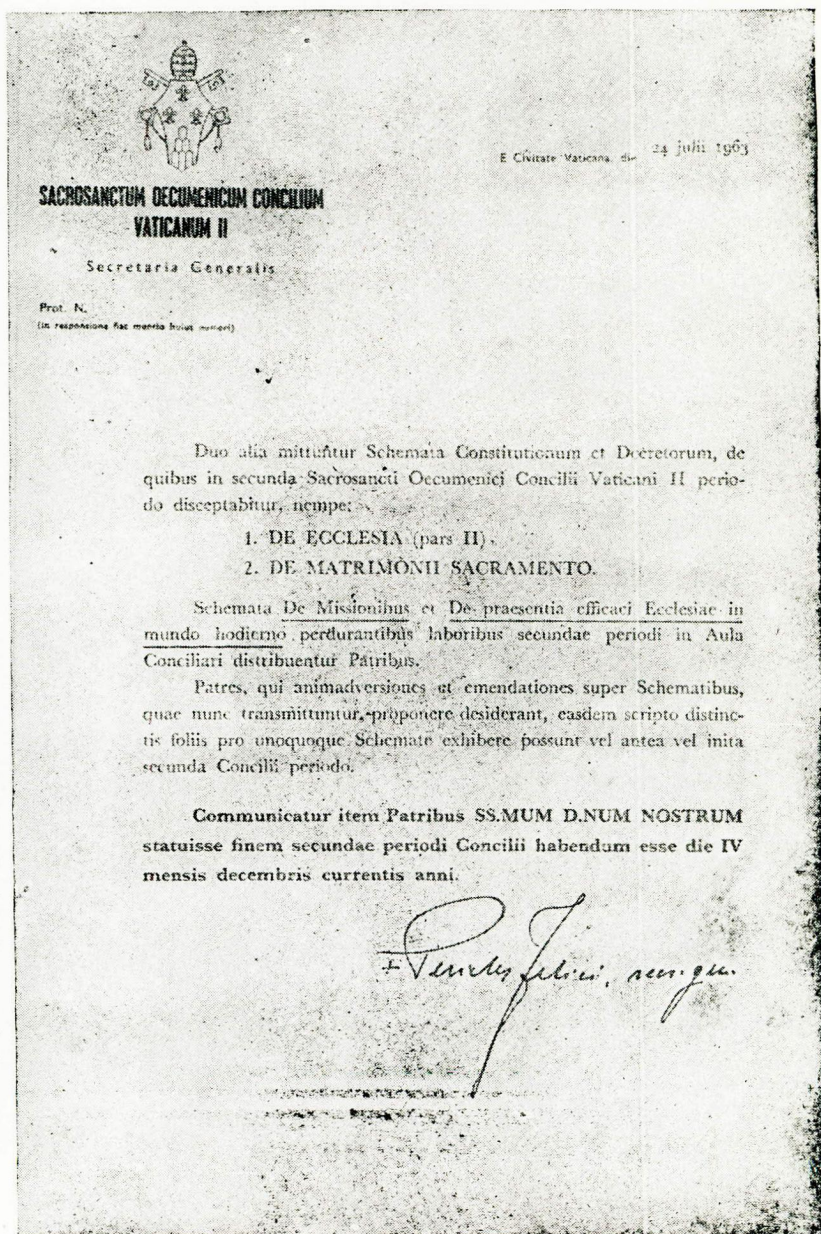


Fig. 7. — Modêlo de "Schemata" ou seja os esquemas a serem debatidos.

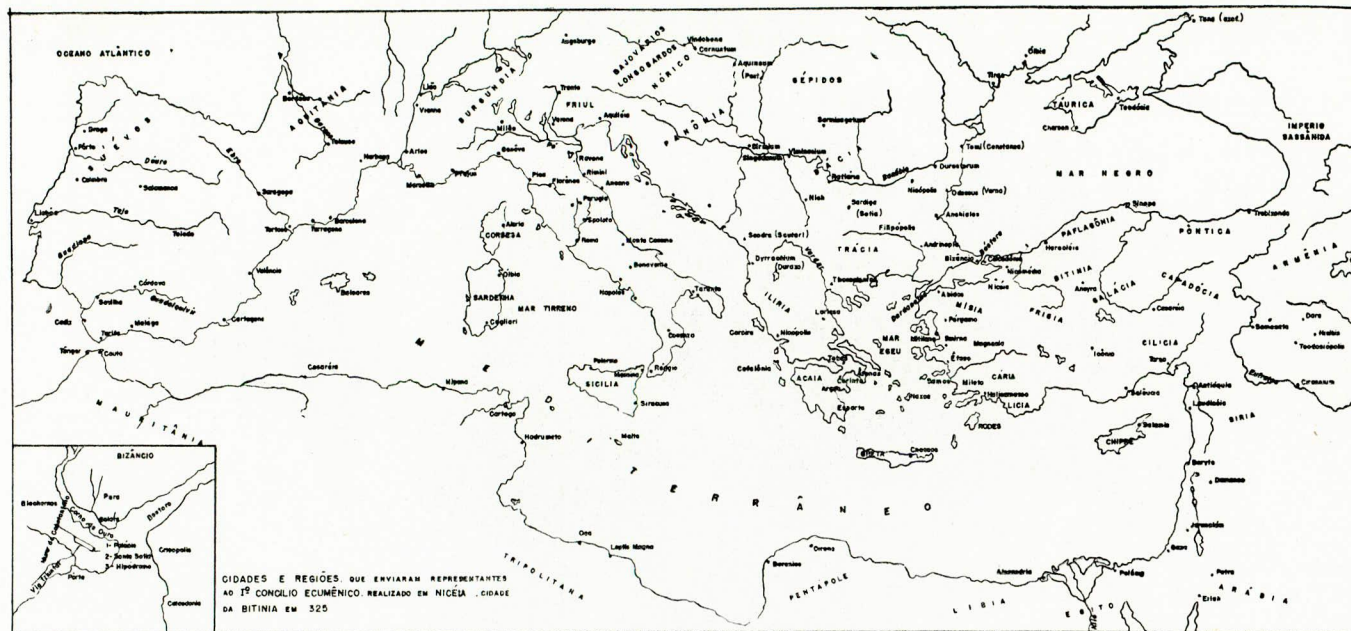


Fig. 8. — Cidades e regiões que enviaram representantes ao I Concílio Ecumênico, realizado em Nicéia, cidade da Bitínia em 325.



Fig. 9. — Teodósio e seus filhos. Chapa de prata. Madri, Academia de la Historia del Arte. Labor, volume III, pág. 735.



Fig. 10. — Idem, detalhe.

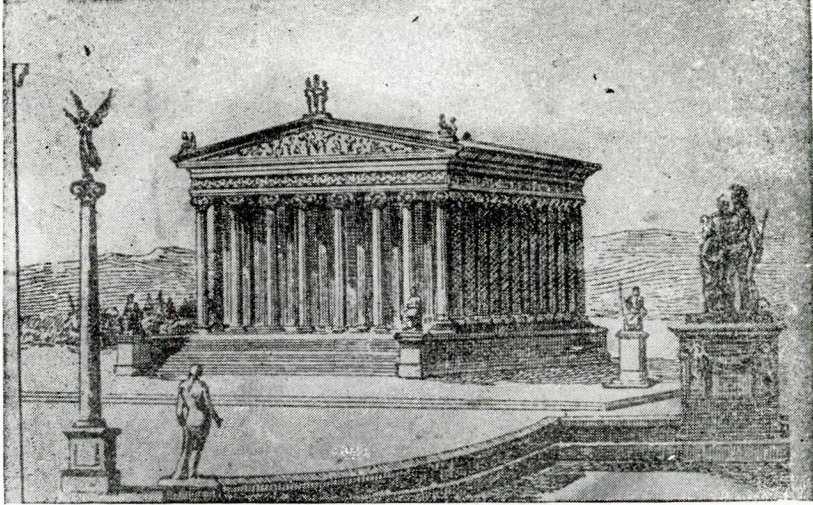


Fig. 11. — Templo de Artemis (Diana) em Éfeso, o qual media 56 x 122 metros com 127 colunas, nas quais 36 eram ornamentadas por relevos. Datado VI século. Cresos, rei da Lídia, contribuiu para suprir as despesas cujos recursos se haviam esgotado. Apud Larousse du XIX siècle.

São várias as hesitações quanto ao número de Concílios realizados, talvez seja maior que o número dos anti-papas.

Vários estudiosos tem-se dedicado ao assunto, pois não é bastante a realização do Concílio e sim a sua aceitação e reconhecimento pela Igreja, pois os oito primeiros, foram convocados pelos imperadores romanos do Oriente.

Dentre os estudiosos do assunto, podemos mencionar o Cardeal **Domênico Jacobazzi** em sua obra sôbre o **Concílio**, escrita durante o **Concílio de Latrão**, mas só publicada em 1538, o qual não enumera o **Primeiro** e o **Segundo Concílio de Latrão**, nem o de **Basiléia**.

O Bispo **Matthia Ugoni**, em 1532, procede da mesma forma, em sua obra sôbre os Concílios.

No **Concílio Tridentino**, os espanhóis e franceses, por interesses políticos opuseram-se ao reconhecimento do já mencionado **Concílio de Latrão**.

O Cardeal **Belarmino**, ao contrário, já faz a numeração, tal como a Igreja o reconhece atualmente. Entretanto, na sua edição romana dos Concílios silencia a respeito do **Concílio de Ba-**

siléia, porque os atos desse Concílio não foram reconhecidos pela Igreja.

Constitui, porém, finalidade de nosso trabalho tratarmos somente dos vinte concílios reconhecidos pela Igreja e suas relações com a **História Geral**, na qual a **História da Igreja** ocupa importantes capítulos.

A realidade histórica é bem mais multiforme do que deixam imaginar as unívocas classificações e definições do Código de Direito Eclesiástico. Nela se apresentam muito mais tipos

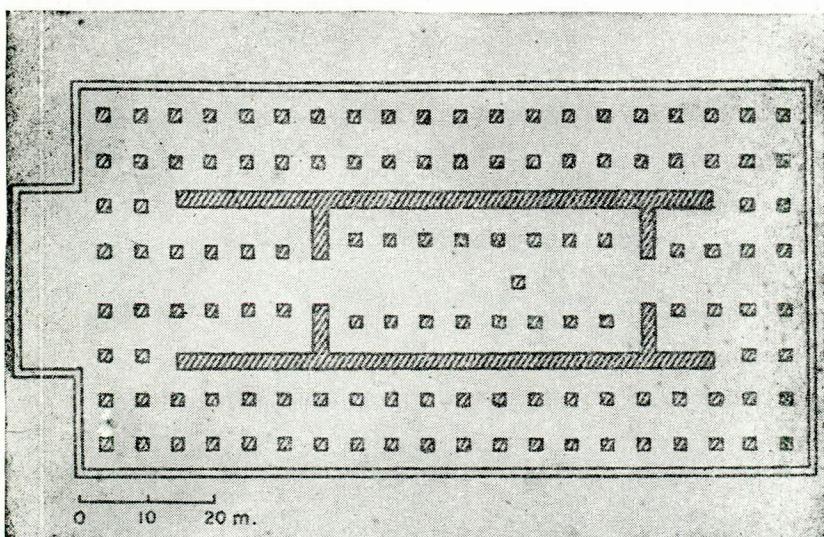


Fig. 12. — Planta baixa do Templo de Diana em Éfeso. Apud *História Geral da Civilização*, volume II, pág. 83.

de Concílios que nem mesmo os historiadores especialistas em **História da Igreja**, como **Hubert Jedin**, **C. Butler** e outros podem distinguir com facilidade.

A reunião realizada em **Jerusalém** pelos Apóstolos e Anciãos narrada na Bíblia, no livro "**Atos dos Apóstolos**" (15, 6-

29) foi considerada como modelo para as assembléias episcopais da **Antigüidade Cristã**, denominada Sínodos (1).

No **Catolicismo**, em particular, um Sínodo diocesano é uma reunião dos principais beneficiados seculares de uma diocese, convocada e presidida canonicamente pelo bispo. O Sínodo é uma Assembléia Consultiva e não legislativa. Na França no seio do protestantismo, o Sínodo **Das Igrejas Reformadas**, adotou, desde que lhes foi possível, a organização sinodal. Este sistema assenta sobre a igualdade absoluta das Igrejas e dos seus pastores. A Igreja local nomeava um consistório, os consistórios por sua vez elegiam as assembléias, os Sínodos provinciais; em última instância, vinha o Sínodo nacional. O último Sínodo geral oficial na França realizou-se em 1872. Os Sínodos gerais que se realizaram perderam depois todo o caráter oficial, mesmo ainda antes da lei da separação do Estado. Na **religião Israelita**, a história dos Sínodos mistura-se e confunde-se mesmo com a dos seus sinédrios e das suas sinagogas. Um grande Sínodo ou sinédrio foi convocado por Napoleão I em 1806, para solicitar dos judeus que fizessem, elles próprios, uma reforma total da sua constituição.

Nessa reforma oriunda da reunião de Jerusalém, Paulo e Barnabé defenderam a liberdade dos cristãos gentílicos das obrigações da lei judaica. Suas intervenções foram coroadas de êxito, de tal forma que a proposta intermediária de São Tiago foi aceita e notificada à comunidade de **Antioquia**:

“Porque pareceu Bem ao Espírito Santo e a nós não vos impor além dos necessários que são estes: que vós, abstenhais das coisas imoladas aos ídolos, e do sangue e das carnes sufocadas, e da fornicação”.

E' bem possível que as duas primeiras proibições, além das regras religiosas, constituíssem preceitos de higiene, porque em virtude do clima do país em que viviam, um carneiro depois de exposto ao ídolo algum tempo, devia ser improprio para alimentação.

Os **85 Cânones Apostólicos** que, segundo se diz, foram compilados por **Clemente Romano** e que se acham no VII Livro das

(1). — Do grego: *synodos*, reunião, mas também “lugar de reunião”, ou do latim *synodus*: “assembléia de párocos e de outros padres convocados por ordem do seu prelado ou de outro superior”; conforme Laudelino Freire significa ainda assembléia de eclesiásticos, convocados para os negócios de uma diocese ou Assembléia de Ministros protestantes, ou O Santo Sínodo, Conselho Superior da Igreja russa, instituído por Pedro, o Grande, em 1700 em vez do patriarca da Igreja Ortodoxa.

Constituições Apostólicas não remontam à época dos Apóstolos, como querem alguns autores, mas foram compostos mais provavelmente no comêço do V século pela utilização de cânones de Concílios anteriores, principalmenet do de Antioquia em 341 como veremos adiante. Na Idade Média, entretanto, sua autenticidade foi reconhecida.

Pode-se duvidar que os Sínodos episcopais mais antigos sejam os reunidos na segunda metade do II século na *Asia Menor*, a fim de combater a seita dos **Montanistas** (2).

A Seita, com sua inspiração estática e sua invocação ao Espírito Santo ou o **Paracleto** (consolador) prometido por Jesus Cristo, foi condenada em Roma e na *Asia Menor*, sobretudo em principios do III século, e extinguiu-se ao desvanecerem-se suas profecias que se tinham referido ao **Concílio Apostólico**. Da mesma forma não está ainda provado que seu modelo foi o das convenções provinciais de Roma.

Aceitamos, como explicação mais natural, que os bispos das comunidades vizinhas se tivessem reunido para tratar e decidir sôbre heresias e cismas que se criaram em suas comunidades. Nisso, naturalmente, cabia a iniciativa e a precedência às comunidades apostólicas.

Vitor, bispo de Roma (3), reuniu no ano de 197 um Sínodo em que tomou posição contra a data da Páscoa seguida no Oriente.

No III século já se apresentam como uma instituição permanente os Sínodos episcopais que em parte se associam às

-
- (2). — Sectários de Montano, sacerdote frígio de Cibele, que se converteu ao cristianismo e fundou a seita dos montanistas, cêrca de 160 e 170 da nossa éra. A todos os dogmas da Igreja, os montanistas juntavam a crença da intervenção perpétua do Paracleto, isto é, do Espírito Santo que se manifestava aos Santos por êxtases. Montano sustentava ainda serem sacrílegas e profanas as núpcias de viúvos. Em resumo, foi um movimento herético, no qual Montano se dizia enviado por Deus para aperfeiçoar a religião e a moral. O montanismo foi um movimento de reação de certo individualismo religioso, contra a hierarquia regular encarnada nos bispos e defensora da uniformidade e disciplina. Eles negavam aos que houvessem cometido algum pecado mortal o direito de ingressar de nôvo na comunhão eclesiástica, recriminavam as segundas núpcias como já mencionamos, exageravam a prática do jejum e exigiam um severo êxtase como preparação ao próximo fim do mundo. Na África o montanismo teve entre seus defensores Tertuliano (doutor da Igreja que nasceu em Cartago — 160-240 — gênio poderoso, absoluto e sombrio, apologista de grande valor, mas em muitos dos seus escritos, mostrou-se adepto da heresia de Montano. Suas principais obras são: **A Apologética; Contra os judeus; Contra os heréticos; Contra Marcion.** Dicionario Enciclopédico. (Salvat. Madri, 1954, IV volume, pág. 522).
- (3). — Papa com o nome de Vitor I foi mártir ao tempo do Imperador Severo e morreu na África.

unidades metropolianas em formação e, de vez em quando, as ultrapassam. No ano de 256, **Cipriano**, bispo de **Cartago**, reúne 87 bispos africanos, a fim de fortalecer sua concepção sobre a invalidade dos batismos ministrados pelos heréticos.

Pouco depois de 300 reúnem-se em **Elvira** 19 bispos espanhóis e 24 presbíteros de tôdas as províncias da Península e redigem 81 cânones, com determinações sobre disciplina eclesiástica, que chegaram até nossos dias. Em todo caso, faltam a êsses Sínodos uma competência rigidamente circunscrita; sentem-se êles como testemunhas da tradição e sua autoridade depende da questão de saber se suas resoluções foram aceitas pela Igreja Universal. O cânone 5 do **Concílio de Nicéia**, que manda realizar dois Sínodos em cada ano, demonstra que os sínodos episcopais no início do IV século já representavam uma instituição permanente.

A possibilidade e ao mesmo tempo a necessidade de reunir os bispos de tôda a **Oecumene**, isto é, do mundo da cultura greco-romana, surgiu pela primeira vez quando a Cristandade, através do **Édito de Milão**, promulgado por **Constantino**, obteve a grande tolerância, tornando-se religião dominante e finalmente religião oficial.

A unidade e a ordem da Igreja constituía-se então também interesse do Estado. Já em 312 Constantino convocou em **Arles** um Sínodo de 33 bispos de tôdas as partes do Império ocidental. Esse Sínodo tratou da questão donatista (4).

O Cisma, condenado em vários concílios, recebeu o golpe mortal em uma solene **Conferência** celebrada em Cartago no ano 411. Os donatistas pretendiam que só eram válidos os sacramentos administrados por um justo e desprezavam o batismo conferido fora de sua comunidade e assim rebatizavam todos que adotavam sua doutrina. Só consideravam a sua como a Igreja verdadeira, que não consentia pecadores em seu seio.

Um esclarecimento deve ser prestado, pois nesta ocasião aparecem dois bispos com o nome de Donato. O primeiro, **Donato de Casas Negras** no IV século, foi bispo no tempo da per-

(4). — Denominação de uma seita cismática de cristãos que dominou o Norte da África pelo espaço de um século e meio. O cisma teve início por rivalidade entre bispos, Donato-o-Grande, sucessor de Maiorino na sede episcopal de Cartago. Anteriormente havia uma divisão entre os cristãos de Cartago, pois uns admitiam a autoridade do bispo Ceciliano, sucessor de Mensúrio, falecido em 311, e outros eram seguidores de Maiorino, eleito em 312. A situação estendeu-se pouco depois por tôda a África e em 330 foi celebrado um Sínodo assistido por 270 bispos. (Dicionário Enciclopédico, volume V, pág. 436).

seguição de Diocleciano (303). **Mensúrio**, bispo de Cartago, havia recomendado prudência aos cristãos que por excesso de zelo e santidade se ofereciam voluntariamente ao martírio durante esta perseguição, recomendação essa que lhe valeu a acusação de pusilânime pelo partido rigorista capitaneado por **Donato-o-Grande**, que também se negou a reconhecer **Ceciliano**, sucessor de **Mensúrio**, sendo isto o início do cisma dos donatistas, que tomaram o nome de **Donato**, não do bispo de Casas Negras, sim o do outro, conhecido pelo cognome de o-Grande, sucessor de **Maiorino** no bispado. A atividade de Donato-o-Grande deve-se à extensão do donatismo e ao reconhecimento, por parte do Imperador, da liberdade de cultos em 321. Finalmente, êsse mesmo Donato-o-Grande foi condenado ao destêro e morreu fora da pátria em 355.

Paralelamente explodiu na África a questão da validade do batismo ministrado pelos herejes e a da data da Páscoa. Uma década depois, realizou-se o primeiro Sínodo ecumênico em **Nicéia**, que foi ao mesmo tempo Concílio do Império. Todavia, não se deve esquecer que alguns Concílios do Império, planejados como ecumênicos, não se impuseram como tais, por exemplo o de **Serdika** em 343 e os de **Selêucia** e **Rimini** em 359-360, reunidos em lugares diversos para tratarem de assuntos relativos ao Ocidente e Oriente. O contrário aconteceu com o **Concílio de Constantinopla** em 381 que, originariamente planejado para a parte oriental do Império, pelas suas definições de fé de valor universal sôbre a Divindade do Espírito Santo, obteve aprovação no Ocidente, com base na autoridade do bispo de Roma.

Paralelamente, com a elaboração da constituição metropolitana e patriarcal, desenvolveram-se os tipos sinodais correspondentes:

Sínodos patriarcais, que foram convocados pelos patriarcas da Alexandria, de Antioquia e um pouco mais tarde pelo de Constantinopla;

Sínodos provinciais, que se reuniram no Oriente, duas vezes por ano, a fim de decidir sôbre a eleição e a consagração dos bispos e a fim de pôr têrmo a conflitos.

Além disso, em Cartago, na África, realizaram os bispos africanos concílios plenários que não foram ligados a uma província eclesiástica ou a um patriarcado.

Não é exagêro dizer-se que nesses Sínodos palpitava a vida da Igreja antiga; os Concílios Ecumênicos formaram a cúpula do edifício sinodal.

Nos reinos germânicos, criou-se um nôvo tipo sinodal em que seus reis exerceram influência decisiva sôbre as igrejas dos territórios por êles governados.

Tais Concílios do Império ou Concílios nacionais, que de vez em quando, sem identificar-se com as assembléias imperiais dos magnatas seculares, ligavam-se a elas, denominaram-se “Sínodos gerais”, porque não se limitavam aos bispos de uma província eclesiástica, mas abrangiam todo o Império. Não eram universais no sentido da expressão, nas assembléias mistas do Império. Os assuntos eclesiásticos, em regra geral, eram debatidos pelos bispos separadamente, se bem que as decisões, na época carolíngia, tivessem sido muitas vêzes promulgadas como leis do reino pelo rei. Durante tôda a alta Idade Média os reis germânicos organizaram, na Alemanha e na Itália, Sínodos do reino, dos quais participavam freqüentemente magnatas seculares, sem que com isso os Sínodos tivessem perdido seu caráter puramente eclesiástico. Além dos Sínodos do reino, realizaram-se Concílios meramente episcopais, como o do arcebispo de **Mogúncia**, **Aribo** em **Seligenstadt** e **Hoechst** (1023-1024). Na Inglaterra, as assembléias do reino permaneceram separadas dos Sínodos do reino reunidos sob a presidência do arcebispo de Cantuária.

Como nos Concílios do reino gôdo-ocidental, franco e alemão, convocados pelos soberanos, manifesta-se o “domínio laico” na Igreja, assim como nos Concílios organizados pelos Papas. Desde o prevailecimento da reforma gregoriana, verificase a ascendência do Papado da Reforma, empenhado na luta pela “liberdade da Igreja” que já se acha suficientemente forte, capaz de viver sem a proteção dos imperadores, muito pelo contrário, dando proteção a alguns dêles e tornando válidos com suas bulas, suas conquistas, tratados, como por exemplo no caso do Tratado de Tordesilhas, de muita importância nas grandes viagens marítimas dos reis católicos da Península Ibérica.

Os Concílios da reforma de Leão IX (5) sustentaram uma luta implacável contra a simonia e o casamento dos padres (6).

Os canonistas definem a simonia como sendo

(5). — Papa de 1048 a 1054; durante o pontificado deu-se a separação definitiva da Igreja Greco-Ortodoxa.

(6). — Simonia, vocábulo que tem sua origem no nome de Simão-o-Mago, que ofereceu aos Apóstolos uma importância em dinheiro para obter dêles o poder de comunicar o Espírito Santo. (Diccionario Enciclopédico, volume XIV, pág. 660.

“vontade deliberada de vender ou de comprar, por um bem temporal, um bem espiritual ou um objeto estreitamente ligado a um bem espiritual”,

e os Concílios romanos “quaresmais” de seus sucessores foram os preliminares dos concílios gerais papais da Idade Média que alcançaram reconhecimento ecumênico.

Os Concílios depois são convocados pelos papas e não mais pelos imperadores. A posição dominante do Papado torna-se discernível desde o XII século, considerando-se que nesta época — mais especialmente no XIII século — os Concílios nacionais passaram a ser presididos pelos legados dos Papas, como o foi, por exemplo o Concílio Nacional da Hungria de 1256, realizado em **Esztergom**, o da França em 1263, em Paris, o da Alemanha de 1278, em **Wuertzburg**. Esse tipo de Concílio desaparece no XIV século, em consequência da ascendência dos Estados nacionais e do enfraquecimento do Papado pelo Grande Cisma, ocasião em que a Igreja vê-se novamente dividida e passa, talvez, por uma das mais profundas lutas e revezes da sua História.

As assembléias nacionais dos bispos e do clero, organizadas sem colaboração papal, que não quiseram denominar-se “Concílios nacionais”, estão em grande parte sob a influência de tendências anti-papais, como os Concílios nacionais de Paris de 1395, 1398 e 1406, que se propuseram superar o Cisma. E’ a época em que, afinal, depois do malôgro de todos os outros meios, o Concílio Ecumênico se encarregou da tarefa de pôr fim ao Cisma e até pretendeu, naturalmente também sob a influência de teoria conciliar, constituir-se em instância final, superior ao Papado.

Só na época da crise religiosa do XVI século é que os Concílios nacionais, planejados e mesmo realizados, se tornaram preocupação constante dos Papas e uma razão séria da convocação do Concílio Ecumênico. O Concílio nacional de **Speyer** em 1524, planejado na Alemanha, não se realizou.

Igualando-se a um Concílio nacional, uma assembléia do clero do **Poissy** em 1561, ligada a um diálogo entre as religiões, fortaleceu a decisão de reabrir o Concílio de Trento, tomada pelo Papa Pio IV.

A reforma tridentina estimula a realização dos concílios provinciais que desde o XIV século tinham quase totalmente passado da moda.

Os concílios provinciais de Milão foram organizados por São Carlos de Borromeu (7).

As assembléias nacionais do clero francês do século XVI até o século XVIII não foram Concílios, entretanto serviram principalmente para autorizar a votação de impostos para o rei da França, ainda assim a assembléia de 1682 endossou os artigos galicanos (8).

As doutrinas galicanas atribuem a infalibilidade não somente ao Papa, mas a todo o corpo episcopal unido ao seu chefe; proclamam a autoridade suprema dos Concílios gerais e a dos Santos Cânones no govêrno da Igreja; estabelecem altivamente uma distinção entre o poder espiritual e o poder temporal. Essas doutrinas foram reunidas na Declaração do clero da França em 1682, redigida por **Jacques Benigne Bossuet** (9).

Na primeira metade do século XIX produziu-se contra as opiniões e tendências galicanas um movimento dos mais vivos, para o qual contribuíram **J. de Maistre**, **Lamennais** e mais tarde **Luís Venillot**.

O clero francês dividiu-se em dois partidos: os galicanos, com os quais se confundiam ordinariamente os católicos liberais e os ultramontanos, que não participando daquelas doutrinas, pretendiam que o Papa fôsse superior aos Concílios gerais.

Em 1870, a definição do dogma da infalibilidade pontificia pelo I Concílio do Vaticano vibrou o golpe mortal no galicanismo.

O I Concílio do Vaticano teve início em 1869, sendo interrompido em 1870, quando rebentou a guerra franco-prussiana.

O Concílio ficou em sessão aberta até outubro de 1962, quando o Papa João XXIII o encerrou após quase um século. Co-

-
- (7). — Arcebispo de Milão, nasceu em Arena em 1538, morreu em Milão em 1584. Sobrinho do Papa Pio IV, contribuiu para a reforma católica e fêz-se notar pela fundação de instituições caritativas e pela sua dedicação quando a peste assolou Milão; essas fundações constituíram-se em paradigma para numerosas outras.
 - (8). — Galicanismo é o conjunto de liberdades e de doutrinas que em relação a Santa Sé a Igreja de França, na continuação da sua obediência à fé católica, conservou da sua organização primitiva.
 - (9). — Bispo de Condom, 1627-1704. Escolhido pra preceptor do Delfim, escreveu para o seu educando o "Discurso sôbre a História Universal", a "Política tirada da Sagrada Escritura", onde defende o direito divino dos reis, a chamada Declaração dos quatro artigos, ou seja: independência temporal dos reis, superioridade dos Concílios gerais sôbre o Papa, submissão do Papa aos cânones da Igreja e subordinação da infalibilidade do Papa ao consentimento da Igreja. O Galicanismo, levado ao máximo, inspirou em 1790 a constituição civil do clero. (Dicionário Enciclopédico, volume VI, pág. 411).

mo dissemos, uma das mais importantes decisões do I Concílio do Vaticano foi o da **Infalibilidade Papal**.

No mesmo mês o ocupante da cadeira de São Pedro, o **Papa João XXIII**, solenemente deu início ao XXI Concílio Ecumênico: O **II do Vaticano** do qual o mundo espera novas diretrizes morais, políticas e sociais.

Seria impossível falarmos só dos vinte concílios reconhecidos pela Igreja, pois estão intimamente ligados com outros tantos não reconhecidos ou ainda com outros que não foram ecumênicos, dietas, tratados, concordatas, etc., muito embora seja desejo nosso, nos determos o mais possível dentro desta diretriz.

Veremos os primeiros oito Concílios convocados pelos imperadores romanos, mais tarde pelos imperadores romanos do Oriente, e realizando-se em regiões do Império Bizantino — em Nicéia, Constantinopla, Êfeso e Calcedônia — distinguindo-se de todos os outros seguintes, convocados pelos Papas e celebrados no Ocidente, de tal forma que é plenamente justificado tratá-los como unidade histórica, embora cronologicamente cheguem alcançar os primórdios da Idade Média e os quatro primeiros — os chamados **Concílios Antigos** no sentido restrito — superem aos demais em importância.

O Papa **Gregório Magno** (10) comparou os quatro primeiros Concílios, por causa da sua autoridade, aos quatro evangelistas, porque definiram os dogmas fundamentais da Igreja: o **Trinitário** e o **Cristológico**.

O CONCÍLIO DE NICÉIA.

O primeiro Concílio foi convocado para a cidade de **Nicéia**, na **Bitínia** por **Constantino Magno** (11), sob o Pontificado do **Papa Silvestre** (12).

(10). — Nasceu em Roma em 540; foi Papa de 590 a 604. Deve-se a êle a liturgia da Missa e o rito gregoriano. Foi um dos espíritos mais vigorosos e um dos soberanos mais enérgicos da Idade Média. (**Dicionário Enciclopédico**, volume VII, pág. 394).

(11). — Constantino Magno, nasceu em Naissus (Nich) em 274. Imperador em 306, morreu em 337. Dirigiu gloriosas expedições contra os francos e os gôdos. Para fazer frente aos partas, transferiu a sede do Império Romano para Bizâncio, que tomou o nome de Constantinopla, pois era estrategicamente o ponto mais vulnerável do Império. Venceu Maxêncio (Imperador romano de 306-312, filho de Maximiano Hércules) na Ponte de Milvius, que vendo-se irremediavelmente perdido, preferiu afogar-se no Tibre a entregar-se. Assim, decidiu definitivamente o estabelecimento do Cristianismo como religião oficial do Império. Em 313 fez publicar o célebre Édito de Milão, em favor dos adeptos do Cristianismo.

Tomaram parte no Concílio sírios, cilícios, fenícios, árabes, palestinos, egípcios, tebanos, líbios, persas, citas. O Ponto, a Galácia, a Capadócia, a Ásia, a Frígia e a Panfília também enviaram seus representantes. Figuraram, igualmente trácios, macedônios, aqueus e epirotas.

A Hispânia fêz-se representar e Roma enviou alguns sacerdotes, porém o Papa Silvestre não pôde comparecer, em virtude de sua avançada idade (vide fig. 8).

O Concílio reuniu-se de 20 de maio a 25 de julho de 325 no Palácio Imperial de verão, em Nicéia.

Foi aberto pelo próprio Imperador, com um discurso em latim, aconselhando a paz. Ele timbrou em não intervir nas negociações eclesiásticas, entregando a presidência a **Eusébio**, bispo de Cesaréia.

Embora não tenhamos atas deste Concílio, chegou até nós que alguns bispos, “traziam em seu corpo as marcas de Nosso Senhor”, em virtude das perseguições sistemáticas de alguns imperadores romanos, como por exemplo **Paulo**, bispo de **Neocesaréia** (13), que trazia as duas mãos paralisadas, porque lhe haviam destruído os nervos com ferro em brasa, e o egípcio **Pafúncio** (14) que na perseguição de Maximino perdera o olho direito.

Neste Concílio, no qual tomaram parte 318 bispos (15), condenou-se o êrro de **Ário** (16), sacerdote de Alexandria e fixou-se a data da festa pascal.

Ário, que na Assembléia defendeu pessoalmente sua doutrina, possuía 17 partidários, sendo o mais poderoso — **Eusébio** de Nicomédia. Em “longas deliberações, muitas lutas e ponde-

E' a êle atribuído o *In Hoc Signo Vincis*; quando combatia Maxêncio apareceu-lhe no céu uma cruz com estas palavras. Posteriormente mandou pintar o mesmo sinal em seu estandarte. Seu nome era Flávio Valério, filho do Constâncio Cloro e de Santa Helena, de quem por certo sofreu grande influência na parte religiosa de sua educação e formação.

- (12). — Papa de 314 a dezembro de 335. Silvestre I, ou São Silvestre, combateu a heresia ariana. E' o primeiro Papa que aparece nos monumentos representado com a tiara.
- (13). — Cidade situada junto ao Rio Eufrates.
- (14). — Nasceu no Egito e morreu em 360. Monge do Mosteiro de Pispor, saiu dêle para ser bispo na Alta Tebaida. Perseguido por Maximino, foi um dos confessores de Cristo, foi condenado a trabalhar nas minas depois de haverem-lhe arrancado o olho direito. Após o decreto de Constantino, foi pôsto novamente à frente de sua diocese. Assistiu aos Concílios de Nicéia e Tiro (335) e atacou fortemente a heresia ariana. (Diccionario: Enciclopédico, volume IV, pág. 453).
- (15). — O número de 318 participantes está visivelmente ligado à reminiscência bíblica dos 318 servos de Abraão (para maiores esclarecimentos, vide Gênesis 14, 14). Alguns autores mencionam 220, entretanto Eusébio de Cesaréia faz menção de 250.

radas deliberações”, prevaleceu o partido ortodoxo sob a liderança do bispo **Marcelo** (17) de Ancira (Ancara), de Eustácio, bispo de Antioquia e do diácono Atanásio (18).

E' bem possível que Constantino tivesse atendendo a uma fração política quando entregou a presidência do concílio ao bispo Marcelo...

O símbolo batismal da Igreja de Antioquia, por proposta feita por seu titular Eusébio, converteu-se no símbolo de fé niceno.

Por expressões uníssonas foi excluída qualquer subordinação do **Logos** ao Pai:

“êle é da substância do Pai, Deus de Deus, Luz de Luz, verdadeiro Deus, nato, não feito, consubstancial como o Pai”.

As teses apresentadas por **Ário** caíram por terra, mais ainda, foram expressamente condenadas.

O credo, o símbolo da fé cristã foi endossado pelo Concílio a 19 de junho de 325; sòmente dois bispos recusaram a assiná-lo.

(16). — **Ário**, nascido na Síria em 280 e morto em 336 em Constantinopla, atacava a divindade de Cristo. Antes de ser sacerdote, interveio em discussões sòbre a natureza de Jesus Cristo. Quando sacerdote em Alexandria, cujo Bispo Alexandre publicara uma pastoral sòbre a consubstanciação de Cristo com Deus, **Ário** o acusou de herege e negou a divindade de Cristo. A sua eloquência e sua audácia atraíram grande número de prosélitos e muitos sacerdotes e alguns bispos aderiram a sua opinião contra Alexandre. A nova seita propagou-se ràpidamente pelo Egipto, Síria e Palestina; como os adversários porém combatiam com fúria a heresia, foi fomentada a discórdia nas cidades e ato de maior gravidade — no seio das famílias. A Reunião de Alexandria, excomungou **Ário** e os bispos Teonas e Segundo, que haviam abraçado sua causa.

Esta excomunhão levantou inúmeras queixas. Entre elas, as de Eusébio, bispo de Nicodemia, que apoiado por Constâncio, irmão do Imperador Constantino, intentaram exigir do bispo Alexandre a retirada da excomunhão contra **Ário**, que desterrado de Alexandria, fôra acolhido favoravelmente por Eusébio, bispo de Cesaréia.

Estes dois Eusébios convocaram, por sua vez, uma assembléia que se manifestou a favor da opinião de **Ário**, e como com êle tivessem se agravado as discórdias entre os cristãos, foi convocada em Alexandria outras assembléias, que não trouxeram a desejada conciliação.

Em consequência, convocou Constantino por sua vez um Concílio Ecumênico em Nicéia em 325, no qual **Ário** defendeu hàbilmente sua opinião, sendo refutado por Atanásio, que usou de memorável eloquência, levando o Concílio a se declarar contra **Ário** e formular o Credo Cristão, que ficou consagrado como o símbolo da fé na Igreja Católica.

(17). — 300-374. Foi adversário dos arianos, mas deu uma fórmula incorreta ao dogma da Trindade, sendo criador da doutrina chamada marcelianismo, a qual exagerava a consubstanciação do Pai e do Filho, a ponto de parecer identificá-los completamente.

(18). — 298-373. Contribuiu para fazer condenar em Nicéia o arianismo, que não cessou de combater com a maior energia, apesar das perseguições. (Diccionario Enciclopédico, volume II, pág. 412).

Esses dois e Ario foram expulsos da comunidade eclesiástica e o símbolo foi promulgado pelo Imperador como lei vigente por todo o Império.

O Concílio fixou, e está válida ainda hoje, a data da Páscoa, no primeiro domingo após a primeira lua cheia da primavera, ficando encarregado da comunicação, anualmente, o Bispo de Alexandria. Tal resolução foi também elevada à lei imperial.

Posteriormente outro Concílio, celebrado em **Jerusalém** por ocasião da reunião os bispos empenhados na edificação da nova Igreja de **Santo Sepulcro**, acolheu favoravelmente a justificativa de Ario e o reintegrou em suas funções sacerdotais, ordenando a tôdas as igrejas do Império que o recebessem em sua comunhão. Depois foi solicitado ao Imperador Constantino que desterrasse **Treveris**, bispo de Alexandria, **Atanásio**, sucessor de Alexandre e o mais formidável rival da heresia. Ao mesmo tempo foi formalmente ordenado ao bispo de Constantinopla que recebesse Ario em sua comunidade e o admitisse em sua igreja.

O herético reabilitado, seguido de numerosa e brilhante comitiva, atravessou a cidade em triunfo, porém, foi acometido de uma forte dor, que o obrigou a entrar em uma casa no trajeto. Como tardasse a sair, acudiram seus amigos e encontraram-no morto.

Contudo, o arianismo se manteve em pregação até que o II Concílio Ecumênico, reunido em 381 em Constantinopla, reafirmou a doutrina do de Nicéia e a heresia caiu sem vida dentro do limite do Império. Continuou, entretanto, contando entre seus adeptos, os povos bárbaros.

Clovis ou **Clodoveo** (19), rei dos francos, só abjurou o ari-

(19). — Clodoveu I, rei dos francos, nasceu cêrca de 466, filho de Chlperico I e de Basínia, espôso de Clotilde, vencedor dos romanos em Soissons em 486, dos alamanos, perto de Zuipich, na chamada batalha de Tolbiac em 496, dos borguinhões perto de Divon em 500, e dos visigodos em Voville em 507. Fundador da monarquia dos francos, e único rei de tôda a Gália depois do assassinio dos chefes francos de Colônia, de Cambrai, de Theouane. Morreu em Paris em 511. Recebeu do Imperador do Oriente o título de patricio, protegeu o catolicismo e recebeu o batismo das mãos de São Remígio na Catedral de Reims. O arcebispo ao batizá-lo, dirigiu-lhe as seguintes palavras: "Curva a cabeça altivo sicambro, adora o que já queimaste, queima o que já adoraste".

Clodoveo assim, cumpriu a promessa feita a sua mulher, Santa Clotilde, "que se o Deus dela fizesse com que êle vencesse a batalha de Tolbiac, converter-se-ia ao Cristianismo com todo seu exército". Posteriormente, tornou-se adepto do Arianismo.

Após sua morte em 511, o seu reino foi dividido, segundo o uso franco, entre os seus quatro filhos: Thierry, Clodomiro, Childeberto e Clotário. (Larousse du XIX siècle. II volume).

nismo em 496 e **Recaredo** (20), rei dos visigodos da Espanha, em 587.

*

O II CONCÍLIO ECUMÊNICO — 1.º DE CONSTANTINOPLA.

O II Concílio Ecumênico, realizado em Constantinopla, é chamado concílio imperial e foi convocado por **Teodósio** (22) e realizado sob o pontificado do Papa **São Dâmaso** (23), que condenou o êrro de **Macedônio** (24) que negava a Divindade do Espírito Santo (Vide figuras 9 e 10).

- (20). — Recaredo, rei dos visigodos da Espanha de 586 a 601. Morreu em Toledo. No Concílio abjurou o Arianismo. Foi o fundador da unidade religiosa na Espanha. Reconquistou Carcassona aos vasconços ou bascos, habitantes das vertentes dos Pirineus.
- (22). — Teodósio, imperador romano de origem espanhola, filho do general de cavalaria do mesmo nome, o qual foi acusado de traição e decapitado em 376 em Cartago.

Teodósio perdeu suas terras depois da morte de seu pai. Aos trinta e três anos foi nomeado por Graciano (imperador romano de 375 a 383), *Magister Equitum*; mais tarde foi elevado por este mesmo imperador à categoria de Augusto em 379 e sucessor de Valente na administração e defesa do Oriente.

Durante seu governo lutou contra os visigodos, que haviam atravessado o Danúbio e derrotado e morto o imperador Valente na Batalha de Andrinópolis em 378. Estabeleceu-os na Mísia (região que corresponde à Sérvia e Bulgária), como aliados. No breve período em que reinaram juntos Graciano e Teodósio (379-383), assinala-se o completo triunfo do Cristianismo.

Em 380 batizou-se, declarando o Cristianismo religião oficial do Estado. No ano seguinte convocou em Constantinopla o segundo Concílio de Nicéia, que cronologicamente passou para a História com o nome de **I Concílio de Constantinopla**.

Em 391 proibiu o culto pagão dentro dos limites do Império.

Teodósio teve problemas internos, tais como o de vencer o usurpador Máximo, que se havia sublevado com o exército da Britânia em 388 e ainda contra o general Argobasto, que à frente do partido civil havia iniciado uma revolta na Itália em 394.

Como senhor único do Império passou somente um ano, pois morreu em 395.

Antes de morrer, dividiu o Império entre seus dois filhos: Arcádio, que recebeu a parte oriental, com capital em Constantinopla, o chamado Império Bizantino e Honrório, a parte Ocidental. (Georges Ostrogorsky, *Histoire de l'Etat Byzantin*. Payot. Paris, 1950, pág. 79).

- (23). — Papa de origem espanhola, nasceu nos primeiros anos do século IV. Devotadíssimo no culto dos mártires. Mandou praticar importantes trabalhos nas catacumbas, nas quais se descobriram grande número de sepulcros e para os mesmos compôs muitos epitáfios em versos latinos. Foi eleito em 366, morreu em 384.
- (24). — Patriarca de Constantinopla no IV século. Com a morte do Bispo Alexandre, os defensores da consubstancialidade do Verbo elegeram sucessor Paulo e os arianos o Macedônio; mas o imperador Constâncio não aprovou nenhuma das eleições e nomeou Eusébio de Nicomédia. Macedônio despeitado, uniu-se aos que negavam a divindade do Espírito Santo. Segundo alguns historiadores foi reempellido no bispado (342-360).

Ainda neste segundo Concílio Ecumênico, vamos encontrar os arianos tentando dividir a Igreja.

Foi instalado em maio de 381 e nêle estiveram apenas reunidos os bispos de Oriente, mais ou menos em número de 150.

O papa São Dâmaso não compareceu, nem se fêz representar. Em Aquiléia (25), na primavera de 381, reuniram-se os bispos do Ocidente. Sôbre os resultados dêste concílio sabemos muito pouco, talvez menos do que aquêle de Nicéia.

Inicialmente a presidência coube ao patriarca **Melécio de Antioquia** (26), estando presente na Assembléia **São Gregório Nazianzeno**, — cuja eleição para bispo de Constantinopla (em lugar de Macedônio) foi confirmada pelo Concílio — e **São Cirilo** de Jerusalém, cujas **Catecheses Mystagógicas** constituem uma das mais belas páginas da literatura do Cristianismo da Antigüidade.

O Concílio tentou convencer, em vão, do êrro de Macedônio 36 seguidores seus; finalmente, êles abandonaram a cidade.

Neste interim morre Melécio, assumindo a presidência Gregório Nazianzeno, que a exerce por pouco tempo, pois retirou-se ao perceber que encontrava forte resistência no Sínodo para superar o cisma antioquiano pela eleição de **Paulino** para o lugar de Melécio.

Nectário (27) então passa a dirigir os trabalhos do Concílio, até o encerramento em julho do mesmo ano.

Com o resultado do Concílio de Constantinopla temos a reafirmação do **Credo de Nicéia**, condenação sumária das diversas tendências dos arianos, dos semi-arianos, também chamados pneumatômacos e sabelianos (seguidores do herético africano do século III, **Sabélio**).

(25). — Aquiléia, cidade muito importante da Antigüidade, com pôrto no Adriáco. Foi destruída por Atila em 452. Sede de dois concílios, um em 381 e outro em 556.

(26). — Nasceu em Melitene na Armênia Menor. Nomeado bispo de Sebástia em 360. Ante os ataques dos arianos de sua diocese, viu-se obrigado a abandoná-la e viver na solidão. Em 361, diante da situação de Antioquia, dividida pelas lutas entre católicos e arianos, foi elevado ao patriarcado daquela cidade. Dispendeu grande esforço para fortificar a atitude dos ortodoxos, mas os arianos fizeram-no passar por hereje ante o imperador, que o enviou novamente ao destêrro. Regressou sômente ao seu bispado no tempo de Juliano, o Apóstata; foi então desterrado novamente e reconduzido outra vez em 363. Entre seus discípulos, destaca-se São João Crisóstomo e Elpidio de Laodicéia.

Pouco antes de morrer, em 381, interviu junto a Teodósio, na confirmação de São Gregório Nazianzeno para a sede de Constantinopla.

(Ostrogorsky, op. cit., pág. 77).

(27). — Nectário, patriarca de Constantinopla, morto em 397. Foi eleito para esta sede pelo segundo Concílio. Foi grande batalhador contra os arianos e aboliu a penitência pública.

Através do cânon 3 o Concílio reconhece (em virtude de Constantinopla ter sido escolhida como a nova residência imperial) a precedência de seu bispo sobre os outros patriarcas da Igreja Oriental, porém abaixo do bispo de Roma.

Os cânones 5-7, os quais foram atribuídos pela tradição grega ao Concílio Ecumênico de Constantinopla, não pertencem a este, mas a um outro Sínodo, ali realizado no ano de 382. Este enviou aos bispos de Ocidente os decretos do Concílio do ano anterior e, embora não tenha conseguido o reconhecimento dos cânones (em virtude do cânon 3 ter sido rejeitado por Roma), alcançou o Concílio a aprovação da fórmula de fé que foi adotada depois da partida dos macedônios, a qual já nos referimos.

O símbolo que costumeiramente chamamos niceno-constantinopolitano e atribuído a estes dois Concílios era, no fundo, uma confissão batismal que fôra recomendada pelo bispo **Epifânio** (28), de Constância em Chipre, em seu célebre livro **Ancoratus**, que é originário provavelmente de Jerusalém. Sua primeira parte era idêntica ao Símbolo Miceno; contém ela, entretanto, um aditamento que confirma a dignidade do Espírito Santo:

“Senhor e vivificador, procedente do Pai a ser adorado e glorificado junto com o Pai e com o Filho, que falou pelos santos profetas”.

Este símbolo de fé, depois de haver alcançado aprovação ecumênica após o Concílio de Constantinopla de 381, tornou-se

(28). — Epifânio, escritor eclesiástico, nasceu em 315. Foi bispo de Constância, em Chipre (367-403). Era de origem judaica e foi convertido ao Cristianismo por São Hilário. Em Elenterópolis (cidade da antiga Judéia, tribo de Dan e uma das primitivas sedes episcopais do Cristianismo). Em 68 foi conquistada por Vespasiano, quando este imperador reprimiu a sublevação judaica. Foi arrasada pelos árabes em 196 e reconstruída pelos cruzados durante o século XIII; Ricardo Coração-de-Leão voltou a recuperá-la dos muçulmanos, em poder dos quais logo caiu definitivamente. Suas minas correspondem a atual Beit-Vibrin. Nas montanhas de seus arredores existem numerosas cavernas que foram habitadas em outros tempos e nas quais se tem encontrado restos de passadas civilizações. Durante a primeira Guerra Mundial os ingleses derrotaram as forças turcas que se haviam entrincheirado nestas cavernas. Conservam-se ruínas de uma primeira Igreja cristã e de uma vila romana do século II, em que se descobriu um magnífico mosaico, único de sua espécie em território da Palestina, fundou um mosteiro, que regeu durante trinta anos. Assistiu ao Concílio de Constantinopla (403), e ao regressar a Chipre, morreu durante a travessia. Escreveu contra o arianismo e as doutrinas de Orígenes, uma obra que se tornou famosa: **Panarion** (caixa de medicamentos). Também a ele se deve o **Ancoratus**, tratado a respeito dos pesos e medidas dos judeus. (Ostrogorsky, op. cit., pág. 88 e segs.).

a confissão fundamental da Igreja grega. Impôs-se também à Igreja ocidental; é válida ainda hoje na liturgia romana da Santa Missa, aliás, com um pequeno aditamento que, historicamente, desempenhou uma tarefa perigosa. Com efeito, os gregos entenderam a seu modo, a fórmula “**que procede do pai**” com um processo “**do pai e do filho**”. O aditamento **filioque** que ocorreu primeiramente na Hispânia e que também se encontra na confissão de fé símica atribuída erroneamente a Santo Atanásio, **quicumque vult saluus esse**, tornou-se um ponto de litígio entre a Igreja oriental e a ocidental, porque os gregos o consideram não como uma extensão explicativa, mas ao contrário, como uma falsificação do texto consagrado.

Neste momento, surgem duas escolas e duas imagens de Cristo: A **escola catequética de Alexandria** e a escola de **Antioquia**, como comenta Hubert Jedin:

“E’ em si um fato absolutamente lógico, depois dos dois primeiros Concílios Ecumênicos ter o magistério definido a fé trinitária, que o pensamento teológico tenha voltado ao mistério da pessoa de Cristo. Entretanto, esta volta não é um processo lógico, muito ao contrário, foi provocada por uma controvérsia, havia já muito tempo existente entre duas escolas teológicas e agravada por uma rivalidade eclesiástica de natureza política”.

A escola alexandrina foi capitaneada por Clemente de Alexandria (29) e Orígenes, um dos maiores teólogos da Igreja Grega, o qual aplicou na explicação da Bíblia Sagrada, o método alegórico; seu pensamento era platônico e sua força consistia na especulação teológica. Clemente teve como seguidores Aranágio e os três da Capadócia (30), porém, foi seu maior teólogo no V século, Cirilo de Alexandria (31). Cirilo empenhou-se em descrever a união da divindade com a humanidade em Jesus Cristo, a que chamou de **Logos** encarnado.

E’ considerado fundador da escola de Antioquia, Luciano de Antioquia (32), o qual também salientou-se por uma exege-

(29). — Doutor da Igreja, mestre de Orígenes, foi um dos apologistas mais notáveis ao século III.

(30). — Os chamados “novos nicenos”: Basílio, Gregório Nazianzeno e Gregório de Nissa.

(31). — Patriarca em 412 em Alexandria, adversário do nestorianismo (376-444).

(32). — Filósofo grego do século II. Nasceu em Samósata, na Síria. Morreu provavelmente no Egito. Possuía várias obras: *Diálogo dos mortos*, *Maneiras de escrever a História*, *do Sonho* e ainda a *Luciana*, que é o título dado à Bíblia grega dos Setenta, revista do hebraico. (Dicionário Enciclopédico, volume IV, pág. 205).

se, feita com muita sobriedade gramatical e histórica da Bíblia Sagrada. Luciano, tinha seu pensamento voltado para Aristóteles, razão pela qual, Jedim e Butler, opinam que esta escola foi uma tanta racionalista.

Diodoro de Tarso é considerado seu chefe, o qual levando tão a sério a humanidade de Jesus Cristo, que incorreu no perigo de deixar frouxa a união substancial com a divindade, a qual para êle era apenas uma união moral.

Para os seguidores da escola antioquiana o **Logos** dos alexandrinos habitava “no homem-Jesus tal como num templo”.

Neste momento entra a parte política da questão, uma vez que Constantinopla fôra escolhida para ser a residência imperial, perdendo a primasia assim Alexandria, que era considerada a capital da ciência e da ortodoxia.

Estão na arena Cirilo, patriarca de Alexandria contra Nestório de Constantinopla.

Nestório, representando a escola antioquiana, usando o prestígio de Constantinopla e sua grande eloquência, atira-se em suas pregações contra denominação de “Mãe de Cristo” como **Theotokos**, ou melhor mãe de Deus, que no seu entender, deveria denominar-se **Christotokos**, ou seja genitora de Cristo, uma vez que dera a luz ao “homem-Cristo” que Deus havia escolhido como morada. Entretanto, seus fiéis seguidores não estavam dispostos a abdicar do título dado à Mãe de Deus.

Aproveitando-se dêste fato, Cirilo dirigiu-se em 429 aos bispos do Egito e aos monges, rejeitando a doutrina de Nestório de Constantinopla e pedindo ao Papa Celestino I que resolvesse a questão levantada.

Celestino (422-432), instalou em 430 um Sínodo romano (o qual para alguns autores foi considerado Concílio, entretanto a Igreja não pensa da mesma maneira) e aderiu à posição de Cirilo. Aliás, não se poderia esperar outro pronunciamento, pois só a administração de Constantinopla estava satisfeita com a situação, havendo mágoa em Roma que havia sido relegada a segundo plano.

Foi enviado pelo Papa a Nestório uma lista de 12 erros sistemáticos, os quais deveria pública e solenemente abjurar.

O primeiro ponto era:

“seja anatematizado quem não confessar que Emanuel é verdadeiro Deus e a Santa Virgem é genitora de

Deus, que segundo a carne, deu à luz o **Logos** encarnado de Deus”.

No terceiro temos a condenação da expressão usada pelos antioquianos

“com junção **synapheia** da divindade e humanidade no **Logos**, mais empregada para as duas naturezas o termo equívoco “**hypostasis**” no sentido de substância”.

Assim foi na contenda em tôrno ao conceito de “genitora de Deus”, que se condensou o velho antagonismo entre as duas tendências teológicas.

João, patriarca de Antioquia (33), intimamente tomou posição contra, porém recomendou moderação a Nestório, uma vez que a expressão “**Theotokos**” podia ser usada no sentido correto. Entretanto, Nestório tomou atitude hostil, apresentando 12 “contra-anátemas”, entre os quais, o primeiro justificava a sua rejeição à expressão **Theotokos**,

“porque Deus só habitava a natureza humana, que êle assumira no seio da Virgem”.

Com muita habilidade, Nestório conseguiu do Imperador Teodósio II (34) a convocação de um Concílio Ecumênico para reunir-se em Pentecostes de 431, em Êfeso (35). (Vide figuras 11 e 12).

(33). — João Crisóstomo, patriarca de Constantinopla, célebre pela eloquência que lhe fêz merecer o cognome de Bôca de ouro. Nasceu e morreu (347-403) em Antioquia, perto de Conrano no Ponto. A sua palavra ardente derrotava os desregramentos da côrte bizantina e até os da própria Igreja. Salvou pela sua eloquência o eunuco Eutrópio, ameaçado pela cólera do povo. Foi alvo das perseguições da imperatriz Eudóxia, de quem denunciou a má conduta e morreu no exílio. Deixou admiráveis obras. (Dicionário Enciclopédico, volume VIII, pág. 367).

(34). — Teodósio II, imperador do Oriente (401-450), neto de Teodósio-o-Grande e filho de Arcádio. Foi declarado imperador aos oito anos sob a regência, primeiro de Antônio, Prefeito do Pretório e depois de sua irmã Pulquéria, a qual impôs à côrte de Constantinopla uma vida monástica. Afeiçoado aos estudos, Teodósio abandonou nas mãos de sua irmã as rédeas do govêrno. Casou com Eudóxia, filha do filósofo pagão Leônicio. Entre 429 e 439 editou a compilação legislativa conhecida historicamente com o nome de Código Teodósio (o qual é uma cópia oficial das constituições emanadas dos imperadores romanos a partir de Constantino até o ano de 438, em que foi publicada. A obra é dividida em 16 volumes). Deixou somente uma filha chamada Eudóxia, casada com o Imperador romano de Ocidente, Valentiniano III. Pulquéria ocupou então o trono e ofereceu sua mão ao senador Marciano, salvando desta forma a dinastia teodósia. Teodósio morreu em 450.

(35). — Antiga cidade jônica da Ásia Menor situada perto do mar Egeu. Ocupava posição privilegiada, como ponto central entre as grandes comunicações fluviais da Jônia e da Lídia. Célebre pelas proporções de seu

Para isso foi feita uma carta circular em 19 de novembro de 430, dirigida a todos os metropolitas do Oriente, assinada por Teodósio II e para os do Ocidente, a mesma carta circular em nome de Valentiniano III (425-455).

*

O III CONCÍLIO ECUMÊNICO: O CONCÍLIO DE ÉFESO.

O Concílio de Éfeso reuniu-se na Igreja da Virgem Maria, que foi objeto de recentes estudos arqueológicos.

Este Concílio é possível acompanhá-lo quase que diuturnamente, pois que dêle existem atas e grande parte da correspondência.

O Concílio realizou cinco sessões, de 22 de junho a 17 de julho de 431, sob o pontificado do Papa Celestino I (422-432).

O tema central da luta contra Nestório (36) foi a maternidade de Maria.

pôrto e mais ainda pelo famoso Templo de Diana, que era uma das sete maravilhas do mundo grego. O advento do Cristianismo dá a Éfeso nova preponderância, pôsto que foi uma das principais sedes da predicação de São Paulo e nela se celebrou o III Concílio Ecumênico. Em 655 foi saqueada e mais tarde, reduzida e miserável, foi sucessivamente reconquistada pelos cruzados, unida ao reino de Nicéia e arrebatada pelos turcos, sob a denominação de Osman em 1383, para perder finalmente até seu nome, ao converter-se no povoado de Asa Solak (ou Altohoc, o Santo Teólogo, ou melhor São João Apóstolo). A transcendência de Éfeso cristã é posta em relevo no Ato dos Apóstolos (19: 1 e 28) onde relata-se a estada de São Paulo (terceira viagem de Paulo que pregou o Evangelho em Éfeso. Tumulto excitado por Demétrio) na cidade e suas pregações e lutas contra os devotos de Diana Artemisa. Na Epístola aos efésios (Prefácio e saudações 1: 1) é do mesmo modo uma clara mostra da estreita relação que existia entre São Paulo e o crescente núcleo cristão de Éfeso. Uma tradição assinala Éfeso como a cidade residência de São João Evangelista e o último lugar de permanência da Virgem Maria na terra. Em memória a São João Evangelista o bispo de Éfeso tem precedência no Sínodo sôbre os outros metroplitas. (Diccionario Enciclopédico, volume IV, pág. 514).

- (36). — Patriarca de Constantinopla, nasceu em Germanícia na Síria, morreu em 451. Era monge do mosteiro Euprápio quando em 428 foi nomeado Patriarca pelo Imperador Teodósio II. Consagrado em abril do mesmo ano, começou desde logo sua campanha contra os arianos, obtendo do Imperador um severo édito contra êsses hereges; lutou ao mesmo tempo contra os macedonianos (sectários da doutrina do Patriarca Macedônio) do Helesponto, desalojando-os de suas igrejas e atacou os novacianos (seguidores do Novacianismo, heresia fundada pelo anti-Papa Novaciano ou também Novato, o qual negava a absolvição aos lapsi, afirmando que a Igreja não tinha poderes para dar a paz aos que haviam negado a fé na perseguição aos cristãos e a todos que houvessem cometido pecado mortal). Impugnaram o novacionismo, São Cipriano, Santo Ambrósio e São Paciano, bispo de Barcelona. A seita manteve-se até o VII século. Nestório mantinha uma linha de ataque com a aprovação geral

Valentiniano, através de carta pessoal, convidou **Aurélio Agostinho**, que morreu antes mesmo que o imperial convite chegasse às suas mãos, em sua cidade natal, Hipona, sitiada pelos vândalos.

A figura central do Concílio foi, sem dúvida, Cirilo de Alexandria. Coube a êle a instalação, junto com o delegado do papa Celestino I (37).

A instalação deu-se a 22 de junho de 431, com 16 dias de atraso, muito embora ainda não tivessem chegado os antioquianos que viajavam sob liderança do patriarca João.

Nestório estava em Éfeso e fôra convidado a comparecer aos trabalhos do Concílio, mas recusou-se a tomar parte nêle.

Desconhecemos se por essa razão o povo tomou atitude hostil contra êle, de tal forma que pediu e conseguiu para sua proteção pessoal uma guarda.

Cirilo apresentou um estudo doutrinal sôbre a união hipostática das duas naturezas de Cristo, o qual foi lido e aceito como verdadeiro na sessão de abertura.

Na mesma sessão foi lida uma série de passagens tiradas dos textos dos padres da Igreja, testemunhando a antiga fé em oposição a vinte passagens tiradas dos escritos de Nestório.

Após essa leitura, talvez apressadamente, procedeu-se ao seu julgamento.

“Jesus Cristo blasfemado por êle (Nestório) determinava, através do Santo Sínodo, que Nestório fôsse privado da dignidade episcopal e excluído de tôda a comunidade sacerdotal”.

Assinaram êste documento 198 bispos que se achavam presentes, que ao término da sessão voltaram para as suas residências aplaudidos pelo povo.

A única voz a levantar-se em protesto contra a instalação do Sínodo sem a chegada dos antioquianos foi a de Can-

da Igreja até que no fim de 428 e início de 429, proferiu o primeiro de seus sermões contra o uso da palavra *Theotokos*.

O primeiro a levantar a voz contra êle foi Eusébio (mais tarde bispo de Doriléia). A êste seguiram-se Filipe e Procho, mas quem se opôs resolutamente foi Cirilo de Alexandria. Primeiro junto ao Papa Celestino I, que em 430 condenou e depôs Nestório, porque êle não se retratara, depois no Concílio de que vamos tratar e no qual foi definitivamente deposto e desterrado.

- (37). — Nasceu em Roma em data incerta. Sucedeu a São Bonifácio em 422 e morreu em 432. O feito mais notável de seu pontificado foi a celebração do Concílio que condenou Nestório. Enviou São Germano, São Paladino e São Patrício a evangelizar respectivamente a Inglaterra, a Escócia e a Irlanda. (Diccionario Enciclopédico, volume IX, pág. 509).

tidiano, comissário Imperial junto ao Concílio. Seu relatório e o de Nestório foram entregues pessoalmente ao imperador, pondo-o ao par do ocorrido na instalação da assembléia.

Cirilo por sua vez também entregou ao imperador o relatório da sessão do Concílio. Neste momento, ou melhor de 26 para 27 de junho, chegaram os bispos antioquianos, constituíram um contra-Concílio excluindo da comunidade eclesiástica, Cirilo de Alexandria e o bispo ordinário de Éfeso **Memnon**, sendo ambos responsabilizados pelo processo.

Os bispos recém-chegados, diante do imperador, justificaram sua atitude.

Teodósio, sem mais rodeios, disse que tudo o que até então acontecera não era válido e os antioquianos saíram alegres.

No dia 10 de julho, na residência do bispo Memnon, foi realizada a segunda sessão, ocasião em que foram recebidos os delegados papais, ou sejam dois bispos e um sacerdote. Na quarta sessão, realizada seis dias depois, declarou-se nulas as sentença do contra-Concílio instalado pelos antioquianos. Na quinta sessão, de 17 de julho, excomungou-se o patriarca João e seus adeptos. Finalmente, na última sessão no último dia do mês de julho, realizada na igreja dedicada a Virgem Santíssima, o Concílio redigiu seis cânones contra Nestório e seus partidários. Esses, em carta circular, informaram dos acontecimentos aos bispos ausentes.

“Os nestorianos conseguiram interceptar tôdas as cartas que Cirilo e a maioria do Concílio dirigiram ao imperador. Um mensageiro disfarçado de mendigo, enfim, levou secretamente a Constantinopla, escondida num bastão vazio, a carta que chegou até nós dirigida por Cirilo aos monges da cidade imperial hostis a Nestório. Estes, em massa, marcharam para a residência imperial”.

Mesmo desta feita não conseguiram do imperador Teodósio mais do que a confirmação da deposição tanto de Nestório, como de seus adversários, Cirilo e Memnon, e também a prisão destes dois últimos.

Teodósio resolveu nomear seu tesoureiro imperial, João, como comissário conciliar, enviando-o a Éfeso. Os antioquianos acusaram outra vez Cirilo de ter implicado outros bispos da maioria e sublevando o povo. O imperador, depois de escutar ambas as facções, resolveu desterrar Nestório para um mosteiro perto de Antioquia e posteriormente para o Alto-Egito. Até hoje se discute em que medida era êle herético no

sentido restrito da palavra e em que medida se explica seu destino por um mal entendido, se trata-se mesmo duma questão puramente de política laica intervindo no seio da Igreja.

Cirilo e os participantes do Concílio voltaram para as sedes de suas dioceses. No dia 30 de outubro de 431 êle entrou solenemente em Alexandria.

“Conseguiram uma grande vitória teológica, bem como uma vitória na política eclesiástica”, como cita Ostrogorsky, *op. cit.*, pág. 85.

“En 428 Nestorius, un representant de l'école d'Antioche monta sur le trône de Constantinople et se mit à propager la Christologie Antiochienne du haut de cette haute tribune. Il trouva en face de lui, dans la personne du patriarche d'Alexandrie Cyrille, un adversaire supérieur aussi bien comme théologien que comme politique. Derrière Cyrille il y a avait, en rangs serrés le monachisme égyptien tout dévoué, que représentait une force important, et, Rome, de son côté, prit le parti de l'Alexandrie. Tout protégé qu'il fût par le pouvoir imperial, Nestorius eut le dessous au troisième concile oecuménique réuni à Ephèse (431) et fut condamné comme hérétique. Cyrille remportait une grande victoire théologique autant que politique.

Il avait triomphé sur le patriarche de la capitale et le pouvoir imperial qui l'appuyait, il s'était imposé en chef de l'Église d'Orient et il avait réussi à dresser la puissance temporelle dont il disposait en Egypte contre les représentants locaux de l'empire.

Le patriarcat d'Alexandrie, dont le prestige n'avait cessé de monter depuis Athanase-le-Grand atteignit avec Cyrille l'apogée de sa puissance.

O Papa Sixto III (432-440), em memória do Concílio, mandou colocar mosaicos marianos, no arco triunfal da basílica de Santa Maria Maggiore, que por êle fôra construída.

Nestório foi condenado em Êfeso, porém não foi condenada tôda a escola antioquiana, muito menos o patriarca João e seus partidários, desde que não se mantivessem ligados a Nestório. Daí resultou que os nestorianos mantiveram-se nas escolas de Edessa e de Nisibis. Fundaram, em 498, em Ktesifon, um patriarcado próprio, que, nos séculos seguintes, estendeu sua obra missionária até a China e a Índia.

Cirilo, político inteligente, estendeu a mão aos antioquianos moderados para a reconciliação, enquanto que em 433 aceitou uma confissão de fé intermediária dêles, que continha a expressão da questão da **Theotokos**. Entretanto, o núcleo do erro

que estava contido também na imagem do Cristo alexandrino, provocou, não muito mais tarde, uma nova heresia cristológica, cuja rejeição tornou necessário um nôvo concílio.

Nestório desapareceu mas alguns de seus discípulos, expulsos de Edessa (38), fugiram para a Pérsia, cuja Igreja já estava separada da Igreja romana desde 424. Souberam desfrutar de tal situação, difundindo entre aquêles cristãos a doutrina de Nestório, que em 484 foi declarada da Igreja nacional.

Os nestorianos propagaram-se logo no norte da Arábia, no Egito e Índia (onde eram chamados de cristãos de Tomás) e ainda mais por tôda a Ásia Central até a China, onde segundo a Tábua Nestoriana (39), fundaram em 631 comunidades cristãs. Em todo o país os nestorianos gozaram de privilegiada situação até a primeira invasão mongólica do século XIII. A compreensão do catolicismo romano nestoriano é grande, pois já em 635 um sacerdote nestoriano do Irão, constrói uma igreja em **Tch' Ang Ngan**. Em 843 há perseguição do Budismo e também do nestorianismo, isto nos mostra que está em pé de igualdade com a religião nacional.

Os nestorianos, em 1263, estão ainda ganhando terreno no campo das ciências, pois o nestoriano **Isa**, é nomeado diretor do Instituto de Qubilai. Em 1275 dá-se o estabelecimento do arcebispado nestoriano em Pequim. Em 1551, uma parte dos nestorianos concluiu a união com a Igreja Romana sob um patriarcado com sede, primeiro em **Diarbekr** e depois em **Mosul**. Os nestorianos não admitem que a Virgem Maria seja Mãe de Deus, mas concordam com a natureza humana de Jesus Cristo, na qual se distingue duas naturezas e duas pessoas, divina e humana; duas hipóteses e um só indivíduo: — Cristo é verdadeiro homem e verdadeiro Deus. A união não é hipostática, mas por conjunção e é pessoal e voluntária, não por vontade do homem, porém por livre condescendência do Verbo.

(38). — Edessa, antiga e opulenta cidade da Mesopotânia setentrional. Depois da tomada de Jerusalém, foi capital de um principado cristão, fundado por Godofredo de Bouillon. Atualmente chama-se Orfa e é cidade da Turquia asiática no Al-Djézireh.

(39). — Tábua Nestoriana. Pedra de 7 pés e 9 polegadas, também chamada de **Estrêla de Sião** e ainda **Pedra de Sião Fu**, descoberta em 1907 pelo explorador dinamarquês Frederico Holm, no Sião, província de Chen-Si, na China. No alto da pedra há gravado uma cruz e sob ela uma inscrição siríaca que diz: "Monumento comemorativo da introdução da nobre lei de Ta. Tsín no reino do Centro"..., e termina com estas palavras: "Erejada no ano II do período Kien-Chug (78 de nossa éra) da grande dinastia Tang". Contém ainda nomes de 70 clérigos nestorianos da China e seu credo desde o VII século. (Diccionario Enciclopédico, volume IX, pág. 831).

Quanto à hierarquia eclesiástica, os nestorianos afirmam sempre a paridade de dignidade dos grandes patriarcas herdeiros da obra dos Apóstolos e negam, portanto, a primasia do Bispo de Roma. Os nestorianos residem entre a Turquia e a Pérsia, tendo seu patriarca próprio. Para alguns autores, os seguidores de Nestório atingem a cifra de 150.000, enquanto que para o Cônego José Paschoal Christofaro o seu número é de 132.000, classificando-os entre as Igrejas Ortodoxas nacionais: como nestorianas caldeus. Houve, como dissemos em nossa introdução, um verdadeiro movimento para ressussitar o nestorianismo na Europa: a **Gunther** (1783-1863) com seus discípulos João Batista Baltzer (1803-1871) e Frei Pedro Knoodt (1811-1889), porém foram as suas doutrinas condenadas em 1857 pela Congregação do Índice e pelo Papa Pio IX.

*

O IV CONCÍLIO ECUMÊNICO — CALCEDÔNIA.

O IV Concílio Ecumênico superou, em número de participantes, a todos os Concílios anteriores e a maioria dos posteriores até o do Vaticano (1870). Foi convocado por Macedônio (já tratado no II Concílio Ecumênico), no ano de 451 em Calcedônia (40).

Não podemos, antes de entrar pròpriamente no Concílio de Calcedônia, deixar de exaltar a figura de seu real convocador: Leão I-o-Magno (41).

(40). — Calcedônia, antiga cidade da Bitínia no Bósforo, em frente a Bizâncio, fundada pelos magnenses em 685 a. C., foi tomada pelos atenienses em 409, defendida contra Mitridates e Lúculo. Foi destruída em 74 de nossa era, e seus habitantes transferidos para Nicomédia. Foi reedificada por Justiniano com o nome de Justiniana e chegou a ser a capital do Ponto (vide mapa do Concílio de Nicéia, figura 8).

(41). — Leão I-o-Magno, foi sucessor de Sixto III, em 440, e morreu em 461. É bem possível que o destino da humanidade tivesse sido outro se não fôsse sua força moral e espiritual, quando em 452, com seu valor obteve a retirada de Atila e seus exércitos da Itália, estando o mesmo acampado às portas da Cidade Eterna. Combateu os maniqueus (sectários do Maniqueísmo, seita religiosa fundada por Manes, o qual nasceu em Mardinu, em Babilônia, em 216 e morreu crucificado em 273, no reinado de Bahrani, por instigação do sacerdócio do zoroastrismo. Sua ascendência em nobre, pois era filho do persa Fatak Babak. Empreendeu muitas viagens à Índia e à Turquia. Ele apresenta-se como o último de uma série de profetas emanados da divindade.

Da mesma forma que os sectários do Gnosticismo, pretendia resolver, por meio de conceitos místicos, os problemas da existência e desaparecimento do mundo, da teoria da redenção. Sua base era um grosseiro dualismo: dois princípios eternos em pugna entre si, o bem ou a luz e o mal ou as trevas, ambos rodeados de inumeráveis forças pri-

Alguns autores dizem que 600 bispos estiveram presentes ao conclave, muito embora a embaixada ocidental fôsse constituída apenas de cinco legados papais (três bispos e dois sacerdotes). O Papa Leão I exigiu que presidissem o concílio, junto com dois africanos que tinham conseguido fugir dos vândalos. A administração estava sob a direção dos emissários imperiais junto ao Concílio.

Este concílio realizou 17 sessões, de 8 de outubro a 1.º de novembro de 451.

Há necessidade de lembrar que Eutíquio, depois de ser considerado herético, foi condenado pelo Sínodo realizado em Constantinopla sôbre a presidência do Patriarca Flaviano.

Neste momento aparece Dióscoro de Alexandria (42), sucessor zeloso da Cristologia da mesma forma que Cirilo, porém muito mais ambicioso e bruto.

Por sua insistência, Teodósio II convocou um Sínodo imperial, sob pressão da tropa e dos monges ali concentrados com a finalidade especial de reabilitar Eutíquio.

Na terceira sessão, realizada a 13 de outubro, deu-se a sua deposição. Entretanto, seus partidários foram tratados com humanidade.

Anteriormente, ao realizar-se a segunda sessão, foram lidas a confissão de fé e uma carta categórica do Papa esclarecendo as duas naturezas de Cristo.

mitivas. Os eutiquianos, sectários da doutrina e seita de Eutíquio, heresiarca grego do V século. Era arquimandrita de um mosteiro perto de Constantinopla. Ao aparecer a heresia de Nestório, sai de seu retiro para defender a fé, porém caiu em novo erro ao afirmar que em Jesus Cristo não havia mais que uma natureza humana que havia sido absorvida por aquela, depois da união das duas. Segundo este o corpo de Cristo era um corpo humano, quanto à sua forma e aparência, mas não quanto à sua substância (monofisismo). Foi citado para comparecer ao Sínodo permanente, onde foi condenado e despojado do sacerdócio: porém como gozava dos favores da corte, foi absolvido pelo II Concílio convocado por Teodósio II em Éfeso (vide este Concílio). Mais tarde foi solenemente condenado no de Calcedônia em 451. Leão Magno nas controvérsias religiosas do Oriente se pôs ao lado de Constantinopla contra Alexandria, conseguindo fazer neste Concílio prevalecer seu ponto de vista que foi a base de uma nova confissão de fé. Frente aos bispos do Oriente fez reconhecer definitivamente a soberania espiritual de Roma. Sua ação foi reconhecida somente em 1754, quando foi proclamado Doutor da Igreja, deixando para a posteridade 96 discursos e 140 cartas. (Ostrogorsky, op. cit., pág. 85).

(42). — Dióscoro de Alexandria, sucessor de Cirilo em 445; presidiu o falso concílio de Éfeso, que logo foi desautorizado pelo papa Leão I e teve que prestar contas de seus atos no Concílio de Calcedônia, que o destituiu, morrendo desterrado em 454. (Ostrogorsky, op. cit., pág. 86).

“Esta é a fé dos padres da Igreja — exclamaram os bispos — esta é a fé dos Apóstolos. Assim cremos todos nós. Pedro falou pelos lábios de Leão”.

Parecia que tudo tinha sido aplainado e que fôra dita a última palavra sôbre o assunto. Entretanto, seria necessário ainda dissipar algumas dúvidas que apareceram contra a versão que, entre os bispos da Palestina e da Ilíria, fôra dada à doutrina sôbre as duas naturezas. Sustentando que a causa já estava suficientemente esclarecida, os representantes do Papa resistiram a uma nova fórmula de fé. Apesar disso, na quinta sessão, a de 22 de outubro, foi aceita pelo Concílio uma fórmula de fé, proposta por 23 bispos que, atinente ao seu conteúdo, muito estreitamente se alinhava ao caráter doutrinário do Papa.

Na sexta sessão, que contou com o casal imperial foi proclamada e assinada por todos os bispos a seguinte fórmula:

“Nós todos ensinamos, unânimemente, que há um único e mesmo **Filho**, Nosso Senhor Jesus Cristo, perfeito na divindade e perfeito na humanidade... em (e não de) duas naturezas, inconfusa e imutavelmente (contra os monofisitas) indivisa e inseparavelmente (contra os nestorianos), que concorrem numa pessoa e numa hipóstase”.

Esta sessão foi o ponto culminante do Concílio, cuja presidência honorária, haviam assumido Marciano e Pulquéria.

O imperador desejava ainda resolver alguns assuntos de natureza disciplinar e pessoal, como, por exemplo, a completa reabilitação de Teodoreto de Ciro (43) e Ibas de Edessa (44), dois chefes da escola antioquiana, muito embora os conciliares considerassem o Concílio como terminado.

O último dos 28 cânones estabelecidos na décima-sexta sessão, em 31 de outubro, provocou forte oposição da parte dos legados papais, que, na sessão de encerramento, a 1.º de novem-

(43). — Teodoreto, bispo de Ciro, nasceu em Antioquia em 393 e morreu em 458. Quando da controvérsia entre Nestório e Cirilo de Alexandria, inclinou-se para as doutrinas apresentadas pelo primeiro, porém já no Concílio de Calcedônia de 451, foi reabilitado no seu cargo, do qual havia sido deposto no de Éfeso em 449, sob a condição de que pronunciasse o anátema contra Nestório, como o fez. De seus escritos, o mais importante, entre os que chegaram até nós é *Eranistes*.

(44). — Ibas, bispo de Edessa desde 435 e escritor conhecido sobretudo por suas traduções do grego, como a que fez do *Tratado* de Teodoro de Mopsuéstia sôbre a encarnação do Verbo. Fomentou o nestorianismo na Síria. O Concílio de Éfeso de 449 condenou sua carta a Mari, metropolitano de Rewardashi. Morreu em 457. (Ostrogorsky, *op. cit.*, pág. 108).

bro, entraram com um protesto formal contra êle. Efetivamente, o cânon dizia que a sede da Nova Roma (Constantinopla), gozava dos mesmos direitos que a Antiga Roma e que ela devia ocupar depois desta o segundo lugar.

Era demais; primeiro arrastaram o poder imperial para Constantinopla e agora, além de reduzir Roma a segundo plano, também iria o poder temporal.

Leão-Magno não se conformara com tal situação, muito embora o Concílio e o imperador tenham politicamente solicitado sua confirmação. O Papado, estava politicamente fraco...

Havia contradição na doutrina do primado papal, que o Papado reconhecia com grande clareza e representava com a mesma firmeza.

A Igreja estava sofrendo as conseqüências do monofisismo, pois o Concílio de Calcedônia não fez outra coisa senão colocar-se em posição intermediária, entre as falsas imagens de Cristo dos nestorianos e dos monofisitas, criando assim uma espécie de terceira posição.

Estavam lançados na arena o Oriente contra o Ocidente, paralelamente o Papado fraco contra o Imperador forte; Grillemeir, coloca o problema muito bem, quando nos mostra o

“resultado de uma dura luta de forças concorrentes: política imperial dos imperadores, rivalidades de patriarchas, interêsses nacionais particulares em jôgo, entusiasmo monacal”.

Aproveitando-se da situação confusa, os monofisitas lançaram no Egito e nos países vizinhos raízes muito profundas, de tal forma que a fé de Calcedônia não teve forças suficientes para extirpá-las. Ainda mais, uniram-se ao separatismo das províncias centrais do Império.

Se dermos um balanço geral nos trabalhos dêste Concílio, concluiremos que embora reunindo-se em 17 sessões e produzindo 28 cânones, a luta continuaria aberta, com força capaz de motivar para o ano de 553 outro Concílio em Constantinopla, no qual seriam condenados os “três capítulos” dos nestorianos, pois a paz desejada, ainda não tinha vindo.

(Continua).

JOSUE' CALLENDER DOS REIS
da Sociedade de Estudos Históricos.